Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O Lenhador Piedoso

O Lenhador Piedoso

Era uma vez um homem que exercia o ofício de lenhador e vivia abatendo as árvores da floresta. Um dia parou junto de uma bétula, para abatê-la, mas, mal a árvore viu o machado entre as mãos do homem, começou a lamentar-se e a suplicar:

- Tem piedade de mim! . . . Sou ainda muito moça, e alimento uma quantidade de vidas que são ainda mais jovens do que a minha e que sofreriam muito com a minha morte! Deixa-me viver.

O lenhador tinha bom coração, e deixou-se comover. Afastando-se da bétula, aproximou-se de um carvalho e brandiu o machado. Mas também a grande árvore lhe suplicou que não a abatesse:

- Não me mates!. .. Sou ainda sã e forte; os meus pequenos carvalhos não poderiam viver sem mim e toda a floresta ficaria sem árvores.

O homem apiedou-se também da súplica do carvalho e aproximou-se de um freixo. Mas também este não tardou a fazer ouvir a sua voz, suplicando ao lenhador que não o abatesse:

- Deixa-me viver, bom homem! Sou muito moço, e

somente ontem celebrei meu casamento. Que havia de ser da minha pobre esposa se eu morresse?
0 homem sentiu o coração confrangido de piedade e dirigiu-se para um sicômoro, o qual, por sua vez, começou a suplicar-lhe, com voz trêmula:
- Não me mates!... Os meus filhos são ainda tenros e precisam de ser criados. Se tu me abateres, eles morrerão.
0 homem não pôde resistir à compaixão e aproximou-se de um álamo. Mas, quando este viu o machado gritou com voz assustada:
- Por que me queres matar? Não vês que acabo de vestir a minha túnica branca de pequenos insetos que tenho de alimentar com a minha linfa?
0 lenhador teve pena e aproximou-se de uma faia. Mas também esta fez ouvir a sua tímida voz, implorando:
- Deixa-me viver!... 0 bom Deus me criou para que o murmúrio da minha fronde fale, durante a noite, aos malvados que se encontram no mau caminho. 0 que seria do mundo, se eu não pudesse mais fazer ouvir a minha voz amigável?
0 velho teve piedade da árvore e chegou ao pé de um larico, resolvido a abatê-lo.
- Não trunques a minha existência! - gemeu o larico -. 0 rouxinol gosta muito da minha sombra e pousa sobre os meus ramos para deliciar o mundo com os seus doces gorjeios. Se me abateres, as aves canoras fugirão do nosso país, e a melancolia descerá sobre nós.
O lenhador teve piedade e aproximou-se de um choupo. Mas quando este viu o terrível machado, gemeu:

- Oh, ai de mim! Os meus ramos estão todos em flor e em breve estarão cobertos de bagas saborosas, que servirão para nutrir os passarinhos. Se tu me matares, eles morrerão de fome.
Não podendo resistir à compaixão, o homem dirigiu-se para outro ponto da floresta, pensando:
- Se não posso abater estas árvores frondosas, abaterei qualquer conífera.
E, chegando junto de um pinheiro, ergueu o machado para ferir o tronco; mas a árvore começou a suplicar:
- Deixa-me viver, bom homem! Em breve os meus ramos estarão tão densos que poderão oferecer uma sombra doce e repousante aos homens cansados. Se me abateres, onde poderão encontrar um pouco de fresco, durante o verão?
0 lenhador teve compaixão e aproximou-se de um grande abeto; mas também este não queria morrer e gritou com voz suplicante:
- Deixa-me viver! Sou jovem e forte! Devo multiplicar os meus ramos para conservar, juntamente com o pinheiro, o verde da floresta. Se me abateres, cometerás um verdadeiro crime!
Então o homem se aproximou de um pé de zimbro.
- Não me mates! - gritou a árvore -. Não sabes que eu sou o maior tesouro da floresta? Eu me torno útil porque das minhas folhas e das minhas raízes se extraem remédios para noventa e nove doenças. Se tu me abateres, os homens e os animais não poderão mais tratar as suas moléstias.
Cansado de caminhar, o homem deixou-se cair na relva, pensando:
- Que coisa estranha! Todas as árvores são dotadas

da faculdade de falar e não querem morrer. Que hei de fazer, se não encontrar mais uma planta que se deixe destruir sem lamentar-se? 0 meu coração não pode resistir às suas súplicas... Mas também tenho de dar de comer à minha mulher e aos meus filhos, e não posso por isso voltar para casa com as mãos vazias...

Enquanto seguia o curso destas reflexões, viu aproximar um velho com longa barba branca. Trazia vestida uma camisa feita com casca de bétula e calças confeccionadas com casca de pinheiro.

Quando chegou junto dele parou, dizendo-lhe:

- Por que estás tão triste e desconsolado? Que foi que te fizeram?

0 pobre lenhador olhou para o velho com uma expressão cheia de tristeza e depois respondeu:

- Como poderia deixar de estar triste e desconsolado? Vim à floresta em busca de lenha, mas todas as árvores falam e discutem comigo. Não tenho, pois, coragem de abater sêres vivos e sinto que terei de morrer de fome.

O velho dirigiu-lhe um olhar afetuoso e bonachão.

- Estou-te muito reconhecido por não te haveres mostrado insensível às súplicas dos meus filhos! - exclamou -. Quero recompensar a tua bondade de alma, fazendo com que, de agora em diante, nada possa faltar nem a ti nem à tua família. Não quiseste derramar o sangue dos meus filhos, e isso te trará boa sorte; a lenha não te faltará mais e terás também todo o necessário, o útil e o supérfluo à tua vida, desde que manifestes os teus desejos. Mas deves ter presente uma coisa: não peças nunca nada de absurdo e impede também

que tua mulher e os teus filhos exagerem as suas aspirações, pois que nesse caso a tua boa sorte se transformaria em desgraça.

“Toma esta vara de ouro, e conserva-a como conservas as meninas dos teus olhos.”

Assim dizendo, entregou ao lenhador uma vareta de ouro, do comprimento de alguns palmos e não mais grossa do que um dedo.

Depois, prosseguiu:

- Quando tiveres o desejo de construir uma casa, ou de executar qualquer outro trabalho, deverás chegar perto de um formigueiro e agitar três vezes a vareta no ar, exprimindo ao mesmo tempo o teu desejo. Na manhã seguinte, infalivelmente, o trabalho estará executado.

“Quando tiveres vontade de comer, bastar-te-á tocar nas panelas com a vareta de ouro, e qualquer desejo teu será imediatamente satisfeito. Se te apetecerem gulodices, bastar-te-á agitar a vareta defronte de uma colmeia e as abelhas te fornecerão o mel necessário para ti e para a tua família.

“Se tiveres necessidade de condimentos, dirige-te à bétula e ao sicômoro. O álamo se encarregará de fornecer-te o leite. O zimbro te dará os medicamentos para manter-te são. Na panela encontrarás, todos os dias, carne e peixe já preparados, sem que precises de matar sêres vivos para te alimentares.

“Se precisares de pano, lã ou seda para fazer as tuas roupas e as de tua esposa e de teus filhos, as aranhas se encarregarão de fornecer-te tecidos.

“Em suma, não te faltará mais coisa alguma, e este é o prêmio que mereceste, respeitando a vida dos

meus filhos, porque eu sou o pai da floresta."
Antes que o homem pudesse agradecer-lhe, o velho o cumprimentou com um sorriso amável e desapareceu.
Mas o lenhador tinha uma esposa irritada, que tinha o costume de censurá-lo e maltratá-lo. Vendo que se atrasava, esperava-o à porta de casa e mal o viu aparecer, apertou os punhos, gritando ameaçadoramente:
- Voltas de mãos vazias? Onde está a lenha?
- Está na floresta, porque ainda tem de crescer - respondeu o homem.
A estas palavras, a mulher ficou furibunda e exclamou com fúria:
- Gostaria que todos os ramos de bétula que se acham na floresta se unissem em um só feixe e te zurzissem, para te obrigar a vergar as costas indolentes!
Sem que a mulher pudesse percebê-lo, o lenhador agitou então a sua varinha, murmurando:
- Que esse desejo recaia sobre ti.
Imediatamente a mulher começou a gemer e a lamentar-se.
- Ai! . . . Ai! . . . Ai! . . . Quem me bate assim? Piedade!.. Piedade!
Quando o marido entendeu que o castigo era suficiente, apertou de novo a varinha entre os dedos, ordenando que a mulher não fosse mais atormentada.
Dessa maneira tinha constatado a eficiência da varinha milagrosa que lhe fora dada pelo pai da floresta.
Como a sua cabana era velha e decrépita, quis logo

pôr à prova a habilidade das formigas, mandando-lhes construírem uma casa para ele.
Chegando defronte de um formigueiro, exclamou:
- Para amanhã cedo tenham-me pronta uma casa nova, no meio do seu pátio.
E no dia seguinte, de fato, o seu desejo estava satisfeito.
Ninguém no mundo podia estar mais satisfeito do que o lenhador. Todos os dias a sua cozinha desprendia um grato aroma de manjares, que lhe eram servidos mesmo sobre a mesa, de modo que sua esposa nada mais tinha que fazer.
As aranhas teciam os tecidos para as suas roupas, as toupeiras se encarregavam de arar os campos, as formigas semeavam e colhiam o grão, sem que o trabalho do homem se tornasse necessário.
Todas as vezes que a esposa se deixava arrastar pelo seu péssimo humor, um castigo imediato servia para fazê-la voltar à razão, tornando-a logo dócil e obediente.
Assim, o lenhador que possuía a varinha de ouro viu transcorrer tranqüilamente os seus dias e, quando chegou a hora da morte, doou-a aos seus filhos, renovando-lhes as mesmas recomendações que recebera do pai da floresta.
Os bons moços souberam seguir exatamente os conselhos do pai e, como ele, viveram felizes e contentes. Mas quando a varinha passou à terceira geração, caiu nas mãos de um jovem que, esquecendo as recomendações recebidas, foi incapaz de limitar os seus desejos, e pedia todos os dias coisas inúteis.
A dócil varinha foi sempre obediente às suas

ordens, até que ele levou a audácia a ponto de pedir uma coisa realmente absurda.
- Quero que o Sol desça do céu, para eu poder esquentar-me aos seus raios! - disse o jovem, agitando no ar a varinha.
Ainda dessa vez o seu desejo foi executado, mas Deus quis castigar aquela louca e insensata pretensão, deixando que os raios do Sol incendiassem a casa, o campo, e tudo quanto o ambicioso jovem possuía.
Não se soube nunca se a varinha de ouro também foi destruída naquele terrível incêndio. Mas as árvores da floresta tiveram um susto tão grande que perderam para sempre a fala e, desde aquele dia, ninguém mais pôde ouvir as suas palavras.

FIM